

INDÚSTRIA

Uma questão recorrente*

Flávio Benevett Fligenspan**

Indústria nacional

Chegando-se à metade do ano de 1993, a questão mais importante a respeito do desempenho da indústria de transformação brasileira não é nova. Pelo contrário, trata-se de um tema recorrente nos últimos anos: a possibilidade de preservar as taxas de crescimento recentemente obtidas, o que configuraria uma situação de crescimento sustentado, em oposição à idéia de "bolha de consumo".

Com efeito, a pergunta relevante nos últimos meses é sobre a consistência do crescimento verificado desde o bimestre setembro-outubro de 1992, quando cessou a crise política ligada ao *impeachment* de Collor. Os números mais abrangentes e fidedignos capazes de responder a essa questão são os da pesquisa mensal do IBGE, sobre a produção física da indústria de transformação brasileira. Ocorre que o último dado disponível dessa série é referente a março de 1993,¹ um período já distante para uma análise de curto prazo numa economia instável. De lá para cá, fatos importantes sucederam-se, o que torna necessário lançar mão também de outros indicadores para avaliar a continuidade do movimento de expansão da produção ou uma possível reversão do quadro.

Construindo-se a análise de forma segmentada, deve-se, inicialmente, verificar o crescimento no primeiro trimestre de 1993, para depois avaliar a questão de sua sustentação. Os Gráficos 1 e 2, elaborados com base em índices de produção dessazonalizados do IBGE, para o total da indústria de transformação e as diversas categorias de uso, proporcionam uma boa visão do período compreendido entre o desfecho do processo de *impeachment* e o início de 1993. Observa-se, no Gráfico 1, que a indústria de transformação retoma o fôlego a partir do bimestre setembro-outubro de 1992 e, daí em diante, estabelece, mês a mês, contínuas taxas de expansão da produção, mesmo que o ritmo de crescimento não seja constante. Movimento

* Este texto foi elaborado com informações disponíveis até 02 07 93 e contou com a colaboração do estagiário da FEE André Passos Cordeiro.

O autor agradece as sugestões dos colegas Clarisse C. Castilhos, Daisy Dias S. Zeni e Ricardo Brinco a uma versão preliminar do texto.

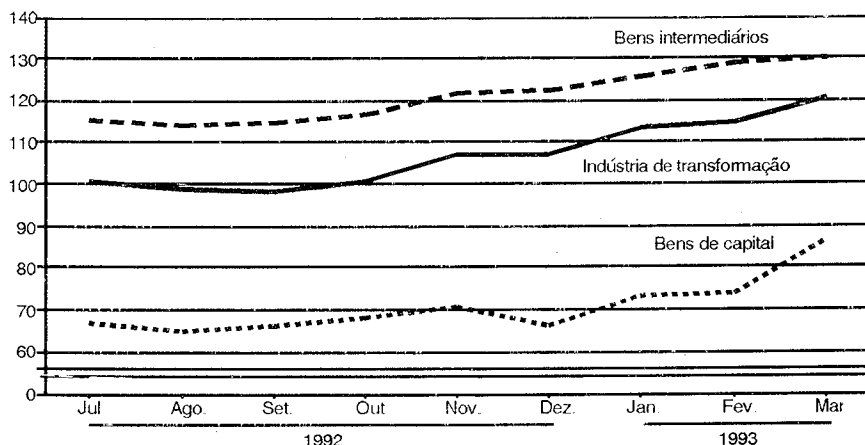
** Economista da FEE e Professor da UFRGS.

¹ Os funcionários do IBGE mais uma vez tiveram que ir à greve no primeiro semestre deste ano, reivindicando melhores salários e condições de trabalho, o que atrasou a elaboração de vários índices para a economia brasileira.

semelhante ocorre com a categoria bens intermediários, porém bens de capital já apresentam quebra de trajetória de crescimento em dezembro de 1992 e oscilações maiores ao longo do período. De qualquer forma, todas as três curvas do Gráfico 1 evidenciam um claro incremento da produção entre o início e o final do período analisado.

GRÁFICO 1

ÍNDICES DESSAZONALIZADOS DA PRODUÇÃO DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO E DAS CATEGORIAS BENS DE CAPITAL E BENS INTERMEDIÁRIOS NO BRASIL — JUL-DEZ/92-JAN-MAR/93



FONTE: IBGE.

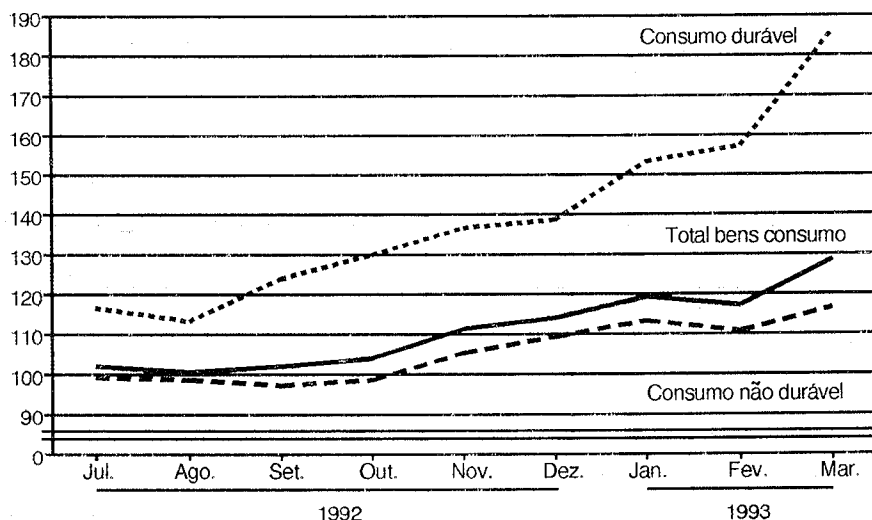
NOTA: Os índices têm como base a média mensal de 1981 = 100.

O Gráfico 2 apresenta a evolução dos índices de produção da categoria bens de consumo e suas subdivisões. Igualmente fica clara a trajetória ascendente para as três curvas, porém destaca-se a de bens de consumo duráveis, que eleva a média da categoria com um ritmo de expansão forte.² Deve-se observar que os meses de dezembro de 1992 e fevereiro de 1993 representam pontos críticos no período analisado, pois trazem quebra do ritmo de crescimento ou mesmo decréscimos da produção.

² No texto **Indústria de transformação: reaquecimento inconsistente**, no número anterior desta publicação, p. 20-5, discutem-se as causas de tal expansão.

GRÁFICO 2

**ÍNDICES DESSAZONALIZADOS DA PRODUÇÃO DA CATEGORIA
BENS DE CONSUMO E DAS SUAS SUBDIVISÕES
NO BRASIL — JUL-DEZ/92-JAN-MAR/93**



FONTE: IBGE.

NOTA: Os índices têm como base a média de 1981 = 100.

Ao se concentrar a análise especificamente no ano de 1993, os dados do IBGE para o total da indústria de transformação revelam um crescimento de 8,79% no primeiro trimestre — em relação ao mesmo período de 1992. Com base nesse bom início de ano e tendo presente que o segundo e terceiro trimestres de 1992 representam uma base de comparação muito fraca — esse foi o período de turbulência política, com repercussões diretas sobre a economia —, todas as projeções para o desempenho final de 1993 apontam taxas não desprezíveis de crescimento.

Todavia, mesmo sendo auspiciosa a projeção de expansão para 1993, o que interrompe a trajetória de três anos de quedas cumulativas, é importante trazer para análise um parâmetro de fora da crise mais recente, a fim de não se perder a visão de médio prazo. Assim, tomando-se 1989 como ponto de referência, seria necessário obter, em 1993, um crescimento da produção da ordem de 17% para apenas repetir o nível absoluto do ano anterior ao do início do Governo Collor. Isso dá uma idéia clara da profundidade da recessão nos últimos três anos.

Esgotada a análise relativa ao início do ano em curso, o passo seguinte é especular sobre as condições de sustentação do crescimento nos meses seguintes. Essa passou a ser "a questão" a ser discutida a partir da expansão do consumo e do clima de otimismo desde a mudança da Presidência da República.

São indiscutíveis os efeitos positivos da nova regra de correção salarial e das aposentadorias — que impõe uma perda menor que as anteriores —, da mudança de ânimo com o desfecho da crise do *impeachment* e da renovação ampliada, qualitativa e quantitativamente, do acordo da indústria automobilística. Porém as condições políticas³, mesmo as de curto prazo, que dariam suporte a um clima de estabilidade econômica, ainda parecem muito distantes. Isto é, a ampliação, para a sociedade, de um acordo mínimo de reorganização da vida econômica, com atribuição de metas para os diversos parceiros e fiscalização do seu cumprimento, nos moldes do que foi feito em caráter reduzido em 1992 e repetido em 1993 pela câmara setorial da indústria automobilística, ainda deve tardar. Sem esse rearranjo, torna-se muito difícil controlar questões como a do conflito distributivo, ligada à da inflação, e, nesse caso, questões menores adquirem caráter decisivo.

Vê-se, assim, que uma das discussões mais candentes tem sido justamente sobre se é possível classificar o aquecimento das atividades no início do ano como algo que venha a ter continuidade ou apenas como uma "bolha de consumo". O debate envolve economistas, empresários voluntaristas — que proclamam o fim da recessão sem qualquer critério ou responsabilidade — e autoridades econômicas otimistas ou disfarçadas de otimistas, para não frustrar expectativas.

Apesar de indicadores positivos em vários setores-chave e da tentativa de alguns agentes de retomar um ambiente favorável, deve-se prestar atenção aos sinais que apontam em sentido contrário. A Federação do Comércio do Estado de São Paulo, por exemplo, mostrou que as vendas do mês de maio foram bastante ruins, podendo se considerar o pior mês de maio desde o início da pesquisa, em 1979. Associada a essa informação, deve-se relacionar outra, que diz respeito à opção por férias coletivas em empresas fabricantes de eletrodomésticos no final do mês de junho. Os dados da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo também não são bons, pois seu Indicador de Nível de Atividade (INA), que se estabilizou em abril, depois de atingir crescimento nos meses anteriores — com destaque para março —, chegou a maio revertendo a tendência, ao atingir uma taxa negativa de 3,8% em relação ao mês anterior.

Com um quadro de inflação elevada e sem indicação de possível controle e com um desacerto institucional que só vem se agravando nos últimos anos, parece não haver motivos para compartilhar do otimismo de alguns agentes. Até mesmo a remarcação de preços, que precedeu o reajuste do salário mínimo em maio, deve novamente ser praticada no momento em que se discute uma melhoria na política salarial. Assim, o que poderia resultar num incremento do salário real médio dos trabalhadores e repercutir favoravelmente na produção tende a se transformar unicamente em estímulo a aumento de preços.

³ A expressão "políticas" é empregada aqui na sua forma mais ampla, no sentido de antagonismos entre diferentes grupos sociais com diferentes interesses, e não no sentido estrito de política partidária.

Isso remete novamente a discussão para o projeto de crescimento que a sociedade quer construir, o que exige o estabelecimento de tarefas, metas, ganhos e perdas para diferentes categorias. Esse debate, que vem sendo adiado, seria o efetivo atestado de maturidade da democracia brasileira. Enquanto ele não for encaminhado devidamente, continuar-se-á tentando detectar "fundos de poços" e "bolhas de consumo".

Indústria Gaúcha

Os dados disponíveis para avaliar o desempenho da indústria gaúcha permitem apontar um movimento semelhante ao da indústria nacional no primeiro trimestre de 1993, porém com crescimento mais intenso. A despeito de o início do ano de 1992 ter sido melhor para a indústria gaúcha do que para a brasileira, fato que se deveu principalmente aos efeitos positivos de uma boa safra agrícola, o primeiro trimestre de 1993, mesmo com uma base de comparação não deprimida, acumula um crescimento da produção de 12,17%. Essa taxa, maior que a de 8,79% da indústria brasileira, é resultado de uma boa *performance* em vários gêneros, conforme se verifica na Tabela 1.

Tabela 1

Taxas de crescimento da produção industrial, acumuladas no ano,
do total da indústria de transformação e dos gêneros
no Rio Grande do Sul — jan.-mar./93

DISCRIMINAÇÃO	JAN	JAN-FEV	JAN-MAR
Indústria de transformação	17,83	8,61	12,17
Minerais não-metálicos	-2,57	-3,08	0,52
Metalúrgica	8,17	4,49	11,81
Mecânica	25,07	13,27	16,63
Material elétrico e de comunicações	53,53	60,96	52,60
Material de transporte	150,43	60,97	83,25
Papel e papelão	37,04	22,03	17,94
Borracha	27,80	6,16	14,18
Química	15,10	-5,51	-2,83
Perfumaria, sabões e velas	24,75	13,88	17,97
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	17,38	8,70	16,17
Produtos alimentares	8,22	4,79	11,04
Bebidas	5,52	18,65	22,36
Fumo	5,42	-11,72	-13,90

FONTE: IBGE/DPE/DEPARTAMENTO DE INDÚSTRIA.

NOTA: As taxas refletem a variação no período do ano de 1993 em relação ao mesmo período de 1992.

É importante salientar que os dois gêneros com maiores taxas de crescimento, material elétrico e de comunicações e material de transporte, apresentaram, no primeiro trimestre de 1992, taxas negativas de, respectivamente, 21,76% e 18,09%, constituindo-se, com folga, nos dois piores desempenhos do período. Isso explica parte dos incrementos em 1993 como efeito estatístico, mas outra parte deve ser creditada ao incremento da demanda nacional de bens duráveis de consumo no período e à expansão da produção automobilística.

Por outro lado, a safra agrícola de 1993, quase igual à do ano anterior, foi suficiente para estimular a produção do gênero mecânica, mas não o foi no caso de fumo, gênero que teve um crescimento recorde em 1992.⁴ Mecânica apresenta uma situação singular, pois aumentou a produção em 16,63% no primeiro trimestre de 1993, sendo que esse incremento se dá sobre um outro de 35% no mesmo período de 1992. Considerando-se que o gênero gaúcho está muito vinculado à produção de máquinas agrícolas e que no primeiro quadrimestre do ano as exportações caíram, em troca de uma grande expansão do mercado interno, pode-se tomar a expansão da produção do gênero como um indicador da melhoria das condições dos lavoureiros gaúchos.⁵

Tal como no caso da indústria brasileira, a base de dados é pequena para avançar a análise além do mês de março, porém, repetindo o que se verificou a nível nacional, é possível identificar uma tendência de quebra na trajetória de crescimento. O Indicador de Desempenho Industrial (IDI), da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul, apresentou, em abril, uma variação negativa de 4,14% em relação a março, sendo que, nesse mês, ocorreu um crescimento de 14,15% sobre o de fevereiro. Igualmente, o consumo industrial de energia elétrica no Estado sofreu seu primeiro revés significativo em maio, com uma taxa de -12,04% relativamente ao mês anterior. Observe-se que, até abril, se vinham acumulando taxas mensais positivas.

Assim, da mesma forma como se especulou não haver motivos para acreditar numa sustentação do crescimento recente durante os próximos meses no caso da indústria brasileira, é possível estender essa conclusão para a indústria gaúcha.

⁴ Deve-se observar que a safra de fumo de 1993 foi 12% maior que a de 1992, a qual já havia sido muito boa. Porém as exportações de fumo em folhas no primeiro quadrimestre de 1993 cresceram 616%, o que desviou a matéria-prima do processo de industrialização.

⁵ Um comentário a respeito de como os produtores rurais têm conseguido melhores condições de negociação nos últimos anos pode ser obtido neste mesmo número, no texto que trata do desempenho do Setor Primário.